



DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL AOS TERRITÓRIOS DA DEGRADAÇÃO DO TRABALHO: O TRABALHO EM FRIGORÍFICOS

Fernando Mendonça Heck¹

Resumo: Parte-se neste artigo da ideia de que nenhuma teoria ou conceito criado é neutro. Todo autor assume compromissos teórico-políticos, por isso a neutralidade é impossível. Portanto os pesquisadores e teóricos que tem desenvolvido o conceito de *cluster* relacionando esse com a ideia de desenvolvimento regional para analisar a atividade de frigorificação de carnes no Oeste Paranaense, partem de uma visão que privilegia o capital. Veem nestes territórios o desenvolvimento através de indicadores estatísticos que apresentam tendências ascendentes. Como não estamos convencidos de que seja possível qualificar como desenvolvimento dados estatísticos de aglomeração industrial, de emprego e de renda em determinada atividade, procuramos esboçar uma crítica a estes teóricos. Portanto nosso objetivo neste ensaio é dialogar criticamente com os autores que tem visto nessa atividade apenas o desenvolvimento e o progresso, apresentando também outro conjunto de autores e pesquisas, que tem focado nas condições de trabalho em frigoríficos e que relativizam o desenvolvimento, bem como, apresentamos resultados de nossa pesquisa de Mestrado, onde buscamos construir o conceito de territórios da degradação do trabalho, por observar o enorme adoecimento físico e mental de trabalhadores nesse setor.

Introdução

A relevância dos dados de emprego, produção e exportação do setor de frigorificação de carnes para o Oeste Paranaense tem motivado diferentes abordagens em trabalhos científicos. Por um lado, estão as análises que veem no capital frigorífico e sua cadeia produtiva apenas o desenvolvimento e o progresso. Por outro, há pesquisas que se dedicam a desconstruir o desenvolvimento e o progresso, estudando principalmente as relações de trabalho degradantes impostas aos trabalhadores no território fabril.

Na primeira perspectiva analítica a territorialização do capital frigorífico na região e a formação de um *cluster*, que agrupa além dos frigoríficos outras atividades

¹ Mestrando FCT/UNESP campus de Presidente Prudente membro do CEGeT – Centro de Estudos de Geografia do Trabalho e do GEOLUTAS – Geografia das Lutas no Campo e na Cidade. Email: fernandomheck@gmail.com.



que se relacionam a essa principal, têm incentivado a ideia do desenvolvimento regional a partir do capital frigorífico. A argumentação se baseia geralmente na geração de emprego e renda, o retorno fiscal que as empresas dão aos municípios e a sua capacidade de agrupar outras atividades relacionadas à atividade frigorífica (transporte, assistência técnica, etc.).

Aqui não se nega a capacidade de gerar empregos dessas empresas. Mas, se discute a qualidade do emprego gerado, e nesse ponto, temos percebido na pesquisa que a especificidade dos frigoríficos está em “gerar” inúmeros adoecidos e inválidos do trabalho.

Por isso são pertinentes alguns questionamentos: será que a territorialização do capital frigorífico no Oeste Paranaense se traduz em desenvolvimento e progresso? Geração de emprego, capacidade de encadeamento formando *cluster* são elementos suficientes para qualificar como desenvolvimento a atividade frigorífica?

Desenvolvimento e progresso?

Os dados de produção, exportação, abate e empregos em frigoríficos no Oeste Paranaense têm levado então um conjunto de autores à compreensão de que tais indicadores revelam o desenvolvimento regional.

Enfrentar essa questão apenas pela positividade dos dados de emprego é o que leva autores como Rippel *et.al.* (2007); Ostroski e Medeiros, (2004); Dalla Costa e Silva, (2007), entre outros, associarem de forma linear as taxas de crescimento no emprego e produção com o desenvolvimento regional.

Tais estudos têm indicado a concentração da atividade e uma especialização técnica do emprego na economia regional, com desempenho superior ao Paraná e do Brasil, que formam um *cluster* produtivo (DALMÁS [et.al.], 2007a). Os mesmos autores em outra publicação argumentam que a região evoluiu de fronteira agrícola para fronteira agroindustrial (DALMÁS [et.al.], 2007b). Numa versão mais “radical” Ostroski e Medeiros (2004, p.5) afirmam que a concentração da atividade de frigorificação de carnes “induz o desenvolvimento desta localidade”.



A formação de um *cluster* de atividade se dá pelo “agrupamento de atividades, independente do tamanho das unidades produtivas e da natureza da atividade desenvolvida” (OSTROSKI e MEDEIROS, 2004, p.1).

Dessa forma, o Oeste Paranaense pode ser considerado um *cluster* que concentra principalmente a atividade de criação/abate de frangos e suínos. Inúmeras outras empresas prestadoras de serviços também vieram se instalar na região a partir da atividade de frigorificação de carnes, o que tem gerado empregos diretos e indiretos, ou como se denomina, de efeito em cadeia (RIPPEL et. al. 2007).

Sobre o encadeamento de tais atividades argumenta Rippel (et. al.) (2007, p.9):

[...] os administradores via de regra passam a priorizar tais atividades, pois sabem que quanto maiores os efeitos em cadeia maiores as possibilidades de estímulos ao surgimento de atividades complementares concatenadas, que podem repercutir em maior arrecadação fiscal, aumento da geração de empregos, instrumentos que possibilitam alavancar o desenvolvimento de um país ou de uma região, fato que efetivamente deu-se em Toledo.

Portanto baseando-se no efeito em cadeia ocorrido através da Sadia, em Toledo, que articulou outros setores da economia Rippel et.al. (2007) realçam a ideia de que a vinda desta empresa desenvolveu o município, pois permitiu novos encadeamentos econômicos gerando emprego e renda.

Fica clara na argumentação dos autores a ligação entre “o efeito em cadeia” e o desenvolvimento. Ou seja, qualifica-se como desenvolvimento a possibilidade de maior arrecadação fiscal e o aumento na geração de empregos que “alavancam” o desenvolvimento algo que é fato em Toledo desde esse ponto de vista.

Percebe-se então, que a argumentação se limita aos dados estatísticos de geração de emprego. Em seu estudo Rippel et.al (2007) não leva em consideração a qualidade do emprego gerado, ou não se preocupa com as consequências deste para os trabalhadores que atuam nessas linhas de produção. Gerar empregos é suficiente para atestar o desenvolvimento. Ou seja, as condições de trabalho degradantes não são centrais na abordagem desses autores.



Em tais referenciais, parece que não há irregularidades com os empregos gerados em frigoríficos. Basta apresentar dados relevantes de empregos/empregabilidade e exportações que “matou-se a charada”, e nada tem mais a discutir sobre a situação dos trabalhadores. A Sadia e outras empresas do ramo se tornam importantes e o discurso da geração de emprego e renda é adjetivado de desenvolvimento, que, inclusive, deve ser incentivado pelo Estado.

Souza (2008) defende claramente esse posicionamento ao final de sua dissertação de mestrado:

(...) o Estado deve primar por estimular as atividades que possuem os mais importantes efeitos de encadeamento na economia, maximizando os benefícios gerados pelos programas de desenvolvimento. Isso porque em geral os recursos para tais programas, em geral, são escassos. Desse modo, se houver uma política de desenvolvimento para regiões deprimidas do Paraná, *os setores de produção e de abate e processamento de frangos de corte são merecedores de incentivos, visto que, além de sua importância intrínseca em termos de produção, renda e emprego, são atividades-chave, ou seja, possuem efeitos de encadeamento maiores que a média dos setores da economia* (SOUZA, 2008, p.78, grifo nosso).

Em Souza (2008) percebe-se que o argumento se limita na produção, renda e emprego. Em nenhum momento se diz que os salários decorrentes dessa geração de emprego são aviltados, geralmente muito próximos ao salário mínimo, ou, que a possibilidade de uma pessoa desenvolver uma tendinite numa linha de desossa de frango é 743% superior que em outros setores, segundo dados do Ministério da Previdência Social. Tudo se resume ao raciocínio reducionista, ou seja, geração de emprego = desenvolvimento.

Por trás desses trabalhos há uma intencionalidade política que considera apenas o “lado” do capital. Os referenciais teóricos desses pesquisadores não se respaldam na teoria crítica da sociedade do capital. Portanto, geração de empregos vira progresso e tem de ser apoiada e incentivada pelo Estado e deve ser aceita pelos trabalhadores e sociedade em geral.

É por isso que não se tece qualquer comentário sobre as relações de trabalho impostas aos trabalhadores do campo e da cidade nestes estudos. Simplesmente, se aborda o “dado pelo dado”, ou seja, um raciocínio positivista pautado na insígnia gerar



maiores números de postos de trabalho será encarado prontamente como desenvolvimento. É como bem sintetiza Bosi (2011a, p. 78):

Em síntese, as condições de vida da classe trabalhadora, quando aparecem nesses estudos, são absolutamente subordinadas aos imperativos do desenvolvimento econômico regional, restando-lhe acomodar-se em tabelas estatísticas e médias aritméticas que se tiverem uma tendência “ascendente” e “estável”, atestarão seu bem-estar.

O “desenvolvimento” que mutila e degrada!

Outros estudos de abordagem crítica encontram resultados muito diferentes daqueles atestados pelos teóricos do desenvolvimento regional. Trabalhos como de Bosi (2011a; 2011b, 2012), Varussa (2006; 2012a; 2012b), Carvalhal (2007; 2010), Finkler (2007), Cêa e Murofuse (2008, 2009, 2010), Gemelli (2011), Neli (2006), Zen (2009), Souza (2012) Silva (2010), tem alcançado outros resultados bastante diferentes das abordagens expostas no tópico anterior. Nestes estudos, de autores com distintas formações (Ciências Sociais, Geografia, História, Pedagogia, Enfermagem) a preocupação está com as condições de trabalho no campo e na cidade e os resultados contribuem para relativizar o desenvolvimento.

E, a partir dessas contribuições, pode-se perceber que gerar empregos não é suficiente ou sinônimo de desenvolvimento. Varussa, já em 2006 chama atenção para a “qualidade” do emprego gerado pelo setor alimentício, ou na atividade de frigorificação de carnes do Oeste Paranaense:

O setor industrial instalado na região, notadamente no setor alimentício, tem se caracterizado justamente pelo emprego de trabalhadores com algumas daquelas características identificadas entre os “trabalhadores informais”; baixos salários (o piso se situava em R\$400,00 em 2005), pouca exigência de qualificação (a ampla maioria dos empregos criados situam-se nas linhas de produção no denominado “serviço geral”) e com intensa rotatividade, neste caso, dadas as condições insalubres do serviço, promotor, em muitos casos, de doenças funcionais.

Neli (2006), conclui na sua pesquisa que a característica principal do emprego em frigoríficos se refere ao ambiente de trabalho hostil, desumanizado e angustiante.



Para ele, é necessária a tomada de medidas efetivas imediatas que reduzam a intensidade laboral, pois constatou também um grande adoecimento físico e mental.

Cêa e Murofuse (2008), estudando um frigorífico do Oeste Paranaense encontraram relações de trabalho precárias no âmbito da planta fabril, como: os trabalhadores devem eviscerar 14 frangos por minuto, cortar 25 asas de frango por minuto, retirar 19 pontas de asa por minuto e refilar filés em até 10 segundos, o que coloca a sua saúde em risco.

Gemelli (2011) também constatou ao final de sua dissertação de que o emprego em frigorífico é baseado na superexploração do trabalho. Isto é:

(...) pudemos verificar a rapidez com que os trabalhadores foram afetados por doenças e lesões que, na maioria dos casos, são irreversíveis, impossibilitando os trabalhadores de realizarem funções simples do dia-a-dia, tornando-os descartados para o trabalho (GEMELLI, 2011, p.246).

Todas essas constatações nas pesquisas citadas demonstram que o emprego gerado pode promover sérios problemas de saúde aos trabalhadores. E o salário também não é tão relevante, não ultrapassando o mínimo regional.

Em 2010 o salário em frigoríficos continuava na faixa de um mínimo regional e as condições de trabalho promotoras de doenças ocupacionais permaneciam presentes (SILVA, 2010). Uma particularidade muito importante da pesquisa de Silva (2010) é investigar até que ponto o ingresso no emprego em frigoríficos representou mudanças nas condições econômica e social para os trabalhadores. Conforme, Silva (2010, p.147):

(...) a condição econômica e social *não apresenta alterações bruscas*, de modo que outros empregos poderiam propiciar as mesmas condições vivenciadas pelos trabalhadores dos frigoríficos no que se refere à garantia e estagnação da renda. *Mudança, aliás, terá se este trabalhador contrair alguma doença ou grave problema de saúde (grifo nosso)*.

Ou seja, percebe-se que não há melhorias bruscas mesmo se tratando em condições de remuneração.



O território fabril continua sendo penoso e ao mesmo tempo promotor de doenças ocupacionais, pois a única mudança, de fato, que afirma Silva (2010), se refere à grande possibilidade do trabalhador adoecer.

Os indicadores de emprego e saúde no trabalho também apontam duas tendências importantes: 1) de um lado a grande rotatividade no setor que revela uma resistência por parte dos trabalhadores em se empregar nesse tipo de atividade; 2) mesmo os números subnotificados da Previdência Social, mostram que o setor de abate de aves e suínos assume posições de liderança no Paraná quanto ao número de acidentes/doenças relacionados com o trabalho.

A elevada rotatividade ou *turnover* é um fato relevante. Esta teve altas taxas seja para o Paraná ou Toledo para as funções de Abatedor e Magarefe (específicas de frigoríficos), da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (Tabela 1).

Tabela 1 - Rotatividade (turnover) dos Trabalhadores (Magarefes e Abatedores) Paraná/Toledo (Janeiro de 2007 à Setembro de 2012).

Período: Janeiro de 2007 a Fevereiro de 2012	Admissão	Desligamento	Desligamento a Pedido do Trabalhador	Saldo
Paraná	144.655	132.251	75.505	12.404

Fonte: RAIS/CAGED. Dados correspondentes à soma de admissões e desligamentos das ocupações Magarefe (848520-CBO) e Abatedor (848505-CBO).

dos próprios trabalhadores foi equivalente a 57% de todos os desligamentos para as funções de abatedores e magarefes no estado do Paraná. Isso, ao que parece nos indica um movimento de rejeição, por parte dos trabalhadores, ao emprego em frigoríficos, como constatado também em estudos de Varussa (2012), Walter (2012) e Bosi (2011b), sobre o trabalho no setor.

Outra comparação possível e que demonstra dados expressivos do *turnover* é que com relação ao total de admitidos no período, 91,4% dos trabalhadores no Paraná pediram desligamento das atividades.

Essas informações, têm nos levado a pensar que, as condições de trabalho penosas, impostas no território fabril, têm levado os trabalhadores a se desligarem dessas atividades.



Nessa perspectiva, há estatísticas sobre acidentes de trabalho para o Paraná no setor de frigoríficos (Tabela 2), mesmo se tratando de um banco de dados em que a subnotificação se faz presente, um “nó crítico” (LOURENÇO, 2011).

Tabela 2 - Acidentes de Trabalho na variável Abate de Suínos, Aves e Outros Pequenos Animais (2006-2010) - Paraná

	Ano	Acidente				Total
		Acidente Típico	de Trajeto	Doença do Trabalho	Acidentes Sem/CAT	
Paraná	2010	1640	189	222	629	2680
	2009	1962	174	245	725	3106
	2008	1808	194	111	824	2937
	2007	1466	161	51	420	2098
	2006	1379	-	58	-	1437
Total do período		8255	718	629	2598	12258

Fonte: Ministério da Previdência Social, Anuário Estatístico de Acidentes de Trabalho (AEAT - InfoLogo), 2012. Organização do autor.

Conforme a Tabela 2, no quinquênio analisado houve 12.258 acidentes/doenças do trabalho relacionados aos frigoríficos de aves e suínos no Paraná. A título de especulação, se comparássemos este número com o total de empregos no ano 2010 (58.818), teríamos que *20% dos trabalhadores sofreram algum tipo de lesão ou doença*.

Ainda, com relação à Tabela 2 temos que os frigoríficos são responsáveis por: 1) 5,5% de todos os acidentes registrados sem CAT (1º lugar no PR); 2) 27,4% de todas as doenças do trabalho (1º lugar no PR); 3) 3% dos acidentes de trajeto (3º lugar no PR); 4) 4,9% de todos os acidentes típicos (2º lugar no PR); e 5) 5% de todos os acidentes de trabalho (2º lugar no PR). Ou seja, mesmo os dados subnotificados colocam os frigoríficos como líderes no tocante ao adoecimento.

Portanto, qualificar enquanto desenvolvimento regional como expressão da geração de emprego e renda a atividade de frigorificação de carnes, é um argumento muito limitado e irreal. Isso porque, as pesquisas e indicadores têm demonstrado o



elevado percentual de adoecimento no setor, bem como, um grande índice de acidentes de trabalho e altíssima rotatividade em pequenos períodos de tempo.

Evidências de um processo de trabalho degradante

Segundo a Procuradoria Regional do Trabalho do Paraná (PRT-12^a região), o número de doentes do trabalho em frigoríficos no Brasil encontra cifras assustadoras, pois, “dos 750 mil² funcionários nas empresas frigoríficas do Brasil, cerca de 150 mil sofrem algum distúrbio osteomuscular, como lesões por esforço repetitivo (LER), e já recorreram ao auxílio-doença” (PRT 12^a REGIÃO, 2012)³.

Resultado disso é que em alguns casos a contribuição previdenciária das próprias empresas não cobre os gastos que o INSS tem para atender os trabalhadores lesionado-acidentados por estas (ZINET, 2012). O MPT estima que no período de 2003 a 2007 a Sadia pagou cerca de R\$40 milhões em impostos para o INSS enquanto que no mesmo período o Instituto pagou em benefícios aos trabalhadores da empresa quase R\$140 milhões (MPT-RS, 2009, p.5).

E ainda há muito mais evidências do trabalho degradante. Na Ação Civil Pública (ACP) nº3497-2008-038-12-00-0, movida pelo MPT de Santa Catarina, contra a Brasil Foods⁴(BRF) de Chapecó (SC), em cinco anos (2004-2009) cerca de 20% dos seis mil trabalhadores receberam benefícios previdenciários em razão das doenças osteomusculares (1.213 trabalhadores)⁵. Na mesma empresa em sua unidade localizada em Capinzal (SC), conforme matéria publicada pela Procuradoria Regional do Trabalho do Paraná (PRT-9^a Região), no dia 12 de dezembro de 2011, há informação de que 20% dos 4.500 trabalhadores têm algum tipo de doença ocupacional⁶.

Em outra de suas unidades fabris na cidade de Rio Verde (GO) através da

² Isso corresponde a totalidade dos trabalhadores em frigoríficos de aves/suínos/bovinos. Deste número, estima-se que 500 mil estejam vinculados ao abates de aves e suínos objetos da nossa pesquisa.

³ Fonte: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012_02/13_02.php> (Acesso em: 30/04/2012).

⁴ Empresa fruto da fusão entre Perdigão e Sadia aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) com restrições em 2011.

⁵ Fonte e mais informações em: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2010_09/2010_09_29.php> (Acesso em: 23/03/2012).

⁶ Fonte e mais informações em: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2011_12/12_12.php> (Acesso em: 23/03/2012). O conteúdo da decisão judicial está disponível em: <<http://consultas.trt12.jus.br/SAP1/DocumentoListar.do?pdsOrigem=AUDIENCIAS&plocalConexao=joacaba&pnrDoc=200363>> (Acesso em 23/03/2012).



ACP nº 2545-25.2011.5.18.010,¹ chegou-se aos dados de que os afastamentos por distúrbios osteomusculares (campeões nos afastamentos) no período de janeiro a setembro de 2011 tiveram uma média de 28 atestados por dia e 842 ao mês. No período foram totalizados 25.736 afastamentos do trabalho, média de 95 por dia e 2855 ao mês⁷.

Em Videira (SC)⁸ buscou-se compreender o que sentem os trabalhadores com relação ao trabalho desempenhado no território fabril frigorífico. Através do relatório denominado “Análise das Condições de Trabalho em Áreas de Aves e Suínos, do Frigorífico de Videira da Empresa Perdigão Agroindustrial S/A, do Estado de Santa Catarina”, constatou-se que no universo de 1.546 entrevistados: 1) 68,1% manifestaram sentir dores causadas pelo trabalho na área de aves, e 65,3% na área de suínos; 2) 70,89% das posturas analisadas precisam de intervenção ergonômica no setor de aves e 95,5% no setor de suínos; 3) 24% dos trabalhadores manifestam dormir mal no setor de aves e 33,18% no setor de suínos; 4) 49,64% dos trabalhadores dizem se sentir nervosos no setor de aves e 50,43% no setor de suínos; 5) 12,26% manifestaram que já pensou em acabar com a própria vida no setor de aves e 13,46% no setor de suínos (Ação Civil Pública nº137-2009, p.29-30).

O Projeto Integrado de Saúde do Trabalhador Avícola (PISTA)⁹, realizado em 2006 por meio da Federação dos Trabalhadores das Indústrias da Alimentação do Rio Grande do Sul (FTIA-RS), também traz uma importante contribuição sobre as condições de trabalho em frigoríficos avícolas nesse estado. Através de 1.200 questionários com trabalhadores do setor em 12 empresas situadas de 12 municípios¹⁰ do estado os resultados apontaram que cerca de 80% dos entrevistados fazem uso de analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos e pelo menos 20% utiliza remédios de tarja preta.

Trata-se de dados que mostram a face dramática da relação entre o trabalho desempenhado e o possível adoecimento físico e mental.

Com relação às condições de trabalho, a repetitividade de movimentos é

⁷ Fonte: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012_04/19_04.php> (Acesso em:30/04/12).

⁸ ACP nº137-2009.

⁹ Do projeto surgiu o livro “Doenças do Trabalhador: a irresponsabilidade social do capital” organizado por Paulo Peixoto de Albuquerque e publicado pela editora Nova Harmonia no ano de 2007.

¹⁰ Cidades e Empresa: Lajeado (Avipal e Minuano), Marau (Perdigão), Montenegro (Doux-Frangosul), Caxias (Doux-Frangosul, Penasul, Nicolini e Frinal), Passo Fundo (Doux-Frangosul), Pelotas (Cosulati), Estrela (Languiru), Encantado (Cosuel), Roca Sales (Penasul), Erechim (Aurora), Porto Alegre (Avipal), São Sebastião do Caí (Agrosul).



reveladora de uma condição de trabalho imposta pelo capital que resulta no adoecimento. Na BRF de Videira, por exemplo, no setor de evisceração de frangos, são 60 ações por minuto na atividade de retirada e separação de vísceras (coração e fígado); entre 70 e 90 ações por minuto na retirada de vísceras de dentro da carcaça; na pendura de frangos, entre 80 e 120 ações por minuto; e no setor de embalagens, são 80 ações por minuto com o braço direito e 70 com o esquerdo para embalar/selar frangos inteiros. No setor de suínos, para retirar carne de cabeça são efetuadas 60 ações por minuto com braço direito, ao desossar a paleta são 80 ações por minuto com o braço direito e 50 ações com o esquerdo. No setor de industrializados, para efetuar a atividade de grampear saco de salsicha com a máquina necessita-se de 95 movimentos por minuto com a mão direita e 70 com a esquerda, e para ensacar salsichas com máquina são 42 ações por minuto (Ação Civil Pública nº137-2009, p.18-19).

Tais movimentos repetitivos ultrapassam os limites considerados seguros para manter um padrão de saúde e segurança do trabalho. Kilbom (1994) *apud* Sardá et. al. (2009, p.61) afirma que “o número de 25 a 33 movimentos por minuto não deveria ser excedido quando se deseja evitar transtorno aos tendões”.

No caso apresentado, o movimento repetitivo imposto aos trabalhadores chega a ser três vezes maior do que o limite considerado seguro para que não ocorra transtorno aos seus tendões. Segundo Kilbom (1994) *apud* Sardá et. al. (2009a, p.61) “o número de 25 a 33 movimentos por minuto não deveria ser excedido quando se deseja evitar transtorno aos tendões”. Certamente, somando a quantidade de movimentos com a pressão por produção, ambiente frio, insuficiência de pausas, trará consequências desastrosas para a saúde física e mental dos trabalhadores.

Nos frigoríficos da região Oeste do Paraná que estão sob investigação do MPT também encontramos, através da análise de Procedimentos Investigatórios números relevantes de benefícios previdenciários concedidos a trabalhadores em decorrência de doenças osteomusculares e depressão. Os dados investigados, para dois frigoríficos da região, resultaram: o primeiro, com cerca de 1000 trabalhadores, teve 909 benefícios previdenciários concedidos entre (2004-2011). Destes números as doenças osteomusculares (CID¹¹-M) e os transtornos mentais (CID-F) têm parte de 28%

¹¹ Classificação Internacional de Doenças.



dos benefícios concedidos. O segundo com cerca de 3350 trabalhadores o número de benefícios por auxílio-doença entre 2006-2008 fez um total de 503 afastamentos. Destes os “Auxiliares de Produção” ocuparam 67% dos afastamentos.

Na ACP nº01428-2010-068-09-00-5 movida contra a BRF/Sadia de Toledo (PR), objeto empírico de nossa investigação no Mestrado, também há um elevado número de ações técnicas por minuto realizado pelos trabalhadores (Tabela 3).

Tabela 3 – Movimentos repetitivos realizados pelos trabalhadores em três funções da Sadia em Toledo (2009)

ATIVIDADE	NÚMERO DE MOVIMENTOS/MINUTO	NÚMERO DE MOVIMENTOS/HORA	NÚMERO DE MOVIMENTOS/JORNADA
Refile de peito	Mão direita: 75 ações/minuto Mão esquerda: 80 ações/minuto	4.800 ações/hora em cada mão	36.000/38.400 ações por dia em cada mão
Desossa de coxa e sobrecoxa (perna)	Mão direita: 46 ações/minuto Mão esquerda: 46 ações/minuto	2.700 ações/hora em cada mão	22.000 ações por dia em cada mão
Evisceração (retirada de coração)	Mão direita: 140 ações/minuto Mão esquerda: 140 ações/minuto	8.400 ações/hora em cada mão	67.000 ações/dia em cada mão

Fonte: ACP nº01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Nessa investigação o MPT foi taxativo na sua argumentação sobre os relevantes números de movimentos repetitivos, pois eles geram “carga biomecânica e mental, *incompatíveis com a saúde e dignidade humana*” (Ação Civil Pública nº01428-2010-068-09-00-5, p.11, *grifo nosso*).

O MPT encontrou também na investigação o descumprimento da legislação trabalhista representado de inúmeras formas como: através da não concessão de repouso semanal remunerado, horas extras não pagas, intervalos intrajornadas e interjornadas irregulares, combinada com a alta repetitividade, inadequação do mobiliário, pressão por produção, ambiente artificialmente frio, etc. Tais condições de trabalho têm levado os trabalhadores ao adoecimento físico e mental (Tabela 4).



Tabela 4 – Trabalhadores da Sadia de Toledo (PR) acometidos por Doenças Osteomusculares (CID-M) e Transtornos mentais (CID-F) 2006-2008

ANO	BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS CONCEDIDOS (GRUPOS M E F)
2006	235
2007	208
2008	217
TOTAL	660

Fonte: ACP nº n°01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Esse período curtíssimo de tempo resultou em alto número de benefícios previdenciários concedidos, pois pelo menos um trabalhador por dia, nos três anos da amostra, recebeu algum benefício por doença osteomuscular ou transtornos mentais.

Observa-se também que a média de trabalhadores acometidos por transtornos osteomusculares (CID grupo M) e mentais (CID grupo F) é de 220 ao ano. Numa analogia estatística se pensarmos nessa média com o total de empregados hoje na empresa (cerca de 7400), demonstra que em 10 anos 2200 pessoas podem ter benefícios concedidos por doenças osteomusculares e mentais se as tendências se confirmarem. Isso equivaleria a cerca de *30% dos funcionários (hoje) da Sadia*.

Portanto, através das informações levantadas é possível perceber que há um adoecimento generalizado no setor frigorífico. São *territórios de degradação do trabalho* onde a experiência de se empregar nesse tipo de atividade pode trazer consequências irreversíveis para a saúde e vida dos trabalhadores.

Considerações Finais

A partir das evidências apresentadas pensamos que é preciso ir além dos indicadores de emprego e renda para entender a realidade social do trabalho em frigoríficos. Portanto, se a preocupação é pensar as condições de trabalho, do ponto de vista dos trabalhadores, os frigoríficos se tornam *territórios da degradação do trabalho*. E, dessa maneira, é preciso e necessário relativizar as teorias que associam os indicadores estatísticos com o desenvolvimento regional.

Os movimentos repetitivos incompatíveis com a saúde e dignidade humana,



a pressão por produção, os cumprimento de metas, tem resultado no adoecimento de inúmeros trabalhadores e muitas vezes tais doenças são de caráter irreversível e incapacitam os trabalhadores até para suas atividades cotidianas.

Portanto, as teses defendidas de que o setor de frigorífico/abatedouro de frango e suínos por gerar empregos, manter produtores integrados no campo e que devem por esses motivos receber benefícios do Estado, para nós, são muito limitadas e nada tem de neutras. Tais autores, não ultrapassam o raciocínio quantitativo dos dados, e não investigam as características do trabalho. Não porque não queiram, mas para a análise que se preocupam as condições de trabalho e vida dos trabalhadores, se limitam às estatísticas ascendentes de empregos que supostamente atestam o bem-estar para todos (BOSI, 2011a). Só a partir desses referenciais, é possível associar geração de emprego em frigoríficos com desenvolvimento, algo que não defendemos.

É preciso atenção para essas publicações. A articulação da identificação do *cluster* de atividades de frigorificação de carnes e sua associação com o desenvolvimento regional cumpre o papel científico que o capital quer. E, como acreditamos que ser homem-no-mundo e ser neutro é um projeto impossível, como nos faz lembrar Moreira (2009), é preciso problematizar os defensores de tais ideias. Por isso, nos dedicamos em parte a cumprir esse papel, pois a Geografia do trabalho que estamos querendo ajudar a construir, por também se tratar de uma tomada de posição política, não se insere nessas perspectivas que privilegiam o capital.

Dessa maneira a construção do conceito de *territórios da degradação do trabalho* se insere a partir da pesquisa que estamos realizando no Mestrado, bem como é influenciado pelas contribuições dos autores críticos às condições de trabalho em frigoríficos e pode ajudar a relativizar as teses que apenas privilegiam o capital. É por isso que estudamos o processo de trabalho e as consequências desastrosas para a saúde dos trabalhadores, com o objetivo de contribuir para aqueles que ainda acreditam na crítica radical à sociedade do capital e não enxergam o desenvolvimento regional, apenas se utilizando de dados estatísticos.

Os referenciais que mostramos no artigo demonstram que a geração de empregos, mesmo que significativa, impõe condições de trabalho extremamente degradantes. Isso se expressa nos resultados para os trabalhadores a partir do emprego



desempenhado em território fabril: doenças incuráveis, dores e muito sofrimento.

Portanto, é certo que estamos a consumir e exportar produtor frutos de sofrimento humano, como bem relata Sandro Eduardo Sardá (2009b¹²). A produção brasileira, exportação, geração de empregos, podem auferir estatísticas positivas, ascendentes e lucrativas, mas, ao mesmo tempo em que crescem o montante dos lucros empresariais, os trabalhadores na sua lavra diária no território fabril, encontram condições de trabalho que podem significar o seu adoecimento físico e mental.

Assim, nosso argumento vai à contramão dos autores que qualificam como desenvolvimento regional a atividade frigorífica no Oeste Paranaense. Os resultados da nossa pesquisa empírica, em conjuntos com as demais contribuições de pesquisas, têm nos levado a entender o território fabril dos frigoríficos como *territórios da degradação do trabalho*, com sérios impactos (por vezes irreversíveis), na saúde e vida dos trabalhadores.

Referências

BOSI, A. **Precarização e Intensificação do Trabalho no Brasil recente**: ensaios sobre o mundo dos Trabalhadores. 1. ed. Cascavel: Edunioeste, 2011a. p.141.

_____. História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2010). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.16, n.2, p.400-430, 2011b. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/3016/2496>>. Acesso em: 19/10/2012.

_____. Trabalhadores e relações de trabalho na cadeia avícola no Oeste do Paraná (1970-2010). In: VIII Seminário do Trabalho. **Anais...** Marília: Rede de Estudos do Trabalho, 2012, p.1-13.

CARVALHAL, M. D. O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do capital. **Pegada**, Presidente Prudente, v.8, n.1, jun. 2007. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA81/3TextoMarcelo.pdf>>. Acesso em: 12/09/2012.

¹² Apresentação de trabalho do procurador à Delegacia Regional do Trabalho de Porto Alegre intitulada, Meio ambiente de trabalho em frigoríficos, em novembro de 2009.



_____. A (re) centralidade do trabalho e a dinâmica territorial capitalista: a vingança de Taylor no Oeste do Paraná. In: VII Seminário do Trabalho. **Anais...** Marília: Rede de Estudos do Trabalho, 2010, p.1-20.

CÊA, G. S. S. MUROFUSE, N. T. Associação dos portadores de LER (AP-LER) na luta pelos direitos dos trabalhadores de frigorífico do Oeste do Paraná. In: TUMOLO, P. S. BATISTA, R. L. (orgs.) **Trabalho, economia e educação: perspectivas do capitalismo global**. Maringá: Práxis; Massoni, 2008, p.421-436.

_____. Trabalho, educação e saúde: evidências e potencialidades de uma experiência. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.18, n.1, jan.-abr. 2009. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/405/606>>. Acesso em: 12/09/2012.

_____. Processo de trabalho em frigoríficos e as possibilidades de constituição de novas sociabilidades na luta coletiva pela saúde do trabalhador. In: VII Seminário do Trabalho. **Anais...** Marília: Rede de Estudos do Trabalho, 2010, p.1-19.

DALLA COSTA, A. SILVA, I. M. A Sadia e a internacionalização do agronegócio paranaense. In: V Encontro de Economia Paranaense. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2007, p.1-23.

DALMÁS, S. R. P. (et.al.). A identificação de cluster na atividade de abate de frangos na Mesorregião Oeste do Paraná. In: XLV Congresso de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais...** Londrina: UEL, 2007a, p.1-21.

_____. De fronteira agrícola a fronteira agroindustrial: uma análise da concentração das empresas de abate e de processamento da carne de frango no Oeste do Paraná. **RDE**, Salvador, ano IX, n.16, p.48-60, dez/2007b. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1015/793>> Acesso em: 12/09/2012.

FINKLER, A. L. **Os problemas de saúde dos trabalhadores e a relação com o processo de trabalho em frigoríficos**. 2007. 94 f. Monografia (Enfermagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

GEMELLI, D. D. **Mobilidade territorial do trabalho como expressão da formação do trabalhador para o capital: o frigorífico de aves da Copagril de Marechal Cândido Rondon/PR**. 2011. 263 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão.

LOURENÇO, E. A. S. Agravos à saúde dos trabalhadores no Brasil: alguns nós críticos. **Pegada**, Presidente Prudente, v.12, n.1, p.3-33, jun. 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewArticle/927>> Acesso em: 12/09/2012.



MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/rais/estatisticas.htm>>. Acesso em: 22/08/2012.

_____. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Perfil do Município). Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acesso em: 11/09/2012.

_____. Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/saibaMais.jsf>>. Acesso em: 22/08/2012.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Anuário Estatístico de Acidentes de Trabalho. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/aeat/>> (Acesso em: 11/09/2012).

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. 1. ed. 2ª reimp. São Paulo: Contexto, 2009, p.191.

NELI, M. A. **Reestruturação produtiva e saúde do trabalhador:** um estudo com os trabalhadores de uma indústria avícola. 2006. 100 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Social) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

OSTROSKI, D. A. MEDEIROS, N. H. *Cluster* agroindustrial: fortalecimento e competitividade para a cadeia suínica do município de Toledo. In: XLII Congresso de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 2004, p.1-20.

PROCURADORIA REGIONAL DO TRABALHO DA 4ª REGIÃO. Inferno Frio: a vida por trás da linha de produção dos frigoríficos. **Notícias da Procuradoria Regional do Trabalho do RS**, Porto Alegre, v.9, n.3, p.4-5, out-dez 2009. Disponível em: <http://www.prt4.mpt.gov.br/pastas/boletim/boletim_pdf/boletim09/Boletim%20Out-Dez.pdf>. Acesso em: 12/09/2012.

PROCURADORIA REGIONAL DO TRABALHO DA 12ª REGIÃO. Sadia S.A. terá que conceder pausas de recuperação de fadiga e não demitir empregados doentes. **Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina**, Florianópolis, 29 set. 2010. Disponível em: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2010_09/2010_09_29.php>. Acesso em: 19/10/2012.

_____. Brasil Foods S/A de Capinzal é multada em quase R\$ 5 milhões por descumprir decisão da Justiça do Trabalho. **Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina**, Florianópolis, 12 dez. 2011. Disponível em: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2011_12/12_12.php>. Acesso em: 12/09/2012.

_____. Justiça do trabalho em Goiás condena Brasil Foods a indenização de R\$ 5 milhões. **Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina**, Florianópolis, 12 abr.



2012. Disponível em: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012_04/19_04.php>. Acesso em: 12/09/2012.

RIPPEL, R. (et.al.). Cadeias produtivas no desenvolvimento regional: o caso de Toledo no Oeste do estado do Paraná. In: V Encontro de Economia Paranaense. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2007, p.1-21

SARDÁ, S. RUIZ, R. C. KIRTSCHIG, G. Tutela jurídica da saúde dos empregados de frigoríficos: considerações dos serviços públicos. **ACTA FISIATRÍCA**, São Paulo, v. 16, n.2, p.59-65, 2009a. Disponível em: <<http://www.actafisiatrica.org.br/v1/frmMostraArtigo.aspx?artigo=1249>>. Acesso em: 12/09/2012.

_____. **Meio ambiente de trabalho em frigoríficos**. Apresentação Delegacia Regional do Trabalho. Porto Alegre: DRT, novembro de 2009b.

SILVA, G. R. **A pobreza e a dinâmica espacial do trabalho nos frigoríficos de aves no Oeste Paranaense**. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão.

SOUZA, E. C. **Os setores de produção e de abate e processamento de frangos de corte e seus impactos na economia paranaense**. 2008. 85 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

SOUZA, A. D. Entre a propaganda empresarial e a realidade do trabalho: um estudo sobre os elementos ideológicos do crescimento industrial em Marechal Cândido Rondon. In: VIII Seminário do Trabalho. **Anais...** Marília: Rede de Estudos do Trabalho, 2012, p.1-9.

VARUSSA, R. J. Industrialização, trabalhadores e Justiça do Trabalho no Oeste do Paraná (década de 1990): algumas considerações. **Tempo da Ciência**, Toledo, v.13, n.25, p. 145-156, 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/1534>>. Acesso em: 12/09/2012.

_____. **Trabalhadores e frigoríficos na Justiça do Trabalho: Oeste do Paraná, décadas de 1990 e 2000**, 2012a (mimeo).

_____. **Sindicalismo e trabalhadores em cooperativas no Oeste do Paraná (décadas de 1990 e 2000)**, 2012b (mimeo).

WALTER, L. I. **A saúde por um fio: submissão voluntária de afastados de frigoríficos de aves**. 1.ed. Porto Alegre: Abecer, 2012. 192, p.

ZEN, R. T. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A: controle, mediações e autonomia**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.



ZINET, C. Condições pioram, acidentes aumentam. **Caros Amigos**, São Paulo, out. 2012, p.16-19.